

A PERSISTÊNCIA DO MODERNO: AGAMBEN E O NOSSO SENTIDO DO CONTEMPORÂNEO

Dr. Fernando Amed

Professor de Estética e Filosofia do Bacharelado em Artes Visuais
Centro Universitário Belas Artes de São Paulo

Giorgio Agamben, filósofo italiano nascido em 1942, com larga experiência docente em universidades europeias e norte-americanas, tem produzido com grande efeito em nosso país. Isto pode ser constatado pela série de lançamentos editoriais de suas obras o que pressupõe a circulação de suas ideias no rarefeito circuito intelectual brasileiro. A lista é longa, mas podemos nos referir a *O sacramento da linguagem* (2011), *Infância e História* (2005), todos publicados pela Editora da UFMG; *O reino e a glória* (2011) lançado pela Boitempo, ou *O que é o contemporâneo?* E outros ensaios (2010), editado aqui pela Argos, Editora da Universidade de Chapecó. Este sucesso pode guardar proximidades com as expectativas que aqui nos deparamos com um sentimento de crítica quando afinada a uma determinada corrente de pensadores. A recepção de Agamben no Brasil delineia a manutenção de um perfil intelectual que persiste em nosso país.

A ambiência platônica, aquela que nos faz crer que exista um modo mais correto de se aproximar e experimentar a realidade antes envolta em sombras costuma despertar a atração de grande parte da *intelligentsia* nacional. Entre nós, diferente do que vem a ocorrer no interior da tradição anglo-americana de pensamento, a metafísica ainda oferece perspectivas heurísticas. Experimenta-se, assim, a crença na viabilidade da condição de homem crítico e ainda se credita a possibilidade de se tomar o mundo a partir de um ponto de vista real e estável. Por aqui, o ceticismo *pret-a-porter* assegura a sensação de que estamos defronte do pensamento em ação. Surpreendemo-nos com o fato de que podemos estabelecer a crítica.

As opiniões de Agamben são tributárias da corrente rousseauiana o que pode ser percebido pelas alusões que faz às perspectivas de vir a se deparar com um novo tipo de homem, aquele que se indispõe contra as correntes políticas entendidas como majoritárias, em especial na contemporaneidade aquelas remetidas ao capitalismo norte-americano. Em entrevista concedida à Unisinos (disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/512966-giorgio-agamben>, em 30/12/2012), por exemplo, o italiano teceu críticas às posturas globais norte-americanas, apontou que não mais visitaria o país como protesto às ações do governo de G.W. Bush e acrescentava que “a Europa poderia oferecer a alternativa de uma cultura que continua sendo humana e vital, mesmo depois do fim da história, porque é capaz de confrontar-se com a sua própria história na sua totalidade e capaz de alcançar, a partir deste confronto, uma nova vida”.

Sua decisão de não entrada nos Estados Unidos o coloca numa posição atraente para parte daqueles que se mobilizam pelos eventos midiáticos ou pela sensação moderna de se postar de modo solene contra os mais fortes e poderosos. Já a Europa vista como uma alternativa humana desconsidera os fatos atestados no século XX que dispõem esse continente como uma encarnação aterrorizadora inclusive para aqueles já acostumados às cogitações niilistas operadas no final do século XIX. Como não suspeitar da Europa após toda sorte de morticínios operados em não mais que 40 anos? Isso para não recordar que boa parte dos intelectuais europeus críticos ao nazismo encontrou suporte para a continuidade de seus trabalhos exatamente nos Estados Unidos. Enfim, como poderiam



continuar a produzir algo de razoavelmente autônomo na antiga União Soviética? Todos esses aspectos são desconsiderados pelo pensador italiano.

A menção ao fim da história trai no autor sua filiação ao aparato hegeliano, em especial o que supôs conceder permeabilidade à compreensão do que acontece na história, situando então a articulação entre tempo cronológico e os acontecimentos. Podemos contextualizar o que ocorreu no passado como meio de entendimento dos reais significados do espírito de uma época, de tal forma que possamos até produzir vaticínios acerca do futuro que nos espreita. Suas influências mais recentes encontram-se na releitura de que fez de Nietzsche – de quem retira o conceito de extemporaneidade – de Walter Benjamin – o sentimento acumulado de história como lastreado na experiência – e de Michel Foucault – na reorientação e reinvenção dos conceitos sob a luz do procedimento genealógico. A recuperação desse último já o habilita à aceitação de muitos daqueles que ainda veem no filósofo francês a encarnação de uma espécie de último paladino da causa pela justiça entre os povos.

Seu exercício de maior fôlego tem sido aquele que se remete ao conceito de Homo Sacer (Homo Sacer: O Poder Soberano e a Vida Nua, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010). Escolhido no contexto da antiga civilização romana, Agamben explora a figura do homem sagrado – aqui, no sentido de remetido a uma condição – que era aquele que poderia ser morto ou assassinado por outro em qualquer circunstância, mas nunca a partir de regras ritualísticas. Ou seja, um indivíduo exilado de toda cogitação ou articulação política. A partir dessa alusão tomada como metáfora, o filósofo pensa o cotidiano – a vida nua, como diz – do homem contemporâneo, alijado também das perspectivas de atuação como ser político e condicionado à vida comum como os escravos na caverna de Platão que tomam as sombras como uma realidade e seu mundo como o único que existe.

Entre nós, o acolhimento de tal itinerário de pensamento é um aspecto significativo e recorrente. Quando pensamos no mapa das ideias e nas perspectivas de expressão intelectual realizadas no Brasil e na Europa, deparemos-nos com algumas semelhanças. Em primeiro lugar, observamos uma ambiência que aproxima a intelectualidade italiana às crenças próximas do que no passado nomeávamos como o pensamento de esquerda. Em segundo lugar, percebemos também as lutas pela imposição de uma corrente de afinidade filosófica sobre outras. Parece-nos que desde os finais da década de 60 e meados da década de 70, a bússola do pensamento tem apontado para os Estados Unidos ou, na Europa, para o Reino Unido. Diga-se que esse tipo de orientação se constituiu na distância de uma abordagem metafísica nos moldes da reflexão que se iniciou com René Descartes e que se pauta muito mais pela empiria, tributária de John Locke, David Hume ou Adam Smith. Na atualidade, encontramos, para citar um simples caso, com Theodore Dalrymple, herdeiro das cogitações cétricas e ainda não traduzido para o português.

Talvez Agamben represente a tentativa de produção de uma reserva de mercado intelectual multieuropeu, aí suas remissões a Benjamin, Foucault ou seu próprio continente. Já em nosso caso, nota-se a permanência de uma filiação antiempírica bem como a proximidade com todo tipo de desdobramentos das orientações hegelianas. Dito

de outra forma, os pensadores nacionais parecem ainda se identificar com a imagem do intelectual ungido – expressão do pensador afro-americano Thomas Sowell (Os intelectuais e a sociedade, São Paulo: É Realizações, 2011,) – que é aquele que parece antecipar-se a todos os outros e intuir e perceber o que de fato ocorre. Valendo-se de um “virtuosismo retórico”, tais intelectuais “colocam-se num patamar superior aos outros”. Além disso, à moda dos antigos dreyfusards – Emile Zola, no início do século XX – esse intelectual tem para si que ele possui uma missão que é a de recolocação das ideias *no lugar*.

Se esses pensadores bem como o próprio Agamben tivessem lido com atenção os escritos de Nietzsche, poderiam ter constatado muitas semelhanças para com as considerações realizadas pelo filósofo em relação a Sócrates e Platão. Na visão do alemão, esses filósofos afastaram-se da vida, criaram um novo mundo em aparente duplicidade e o fizeram para que somente se tornasse necessária a remissão obrigatória às suas considerações. Dito de outra forma, afastaram-se da vida nua para estabelecer outro plano em que seus escritos fossem vistos como significativos e fundamentais.

A boa recepção das opiniões do filósofo italiano sinaliza que ainda nos pautamos por uma nostalgia pelo futuro, a saber, a crença de que o ceticismo pode ser controlado e dominado e de que algo ainda pode ser feito para que o homem seja libertado. As utopias nos agradam e as contribuições de Agamben se ajustam a uma reflexão que toma as ideias como metáforas para a vida comum e não o contrário. Afastamo-nos do cotidiano e passamos a viver e crer então que nossas ideias correspondem aos fatos e finalmente sentimo-nos mais seguros quando nos encontramos em meio aos pensadores que vêm a justificar nossas aspirações, desejos ou preconceitos mais arraigados.

A persistência da recuperação de filósofos como esses demarca a presença em nosso país da resistência em se abandonar as certezas oferecidas pela modernidade e a dificuldade de enfrentarmos os dilemas interpostos pela contemporaneidade, em especial, o da corrosão dos ideais tão caros aos humanistas oriundos das correntes de inspiração francesa. Enfim, a comunidade intelectual brasileira ainda clama por quem quer que ainda possa oferecer certezas em meio ao cenário de ampla destruição e devastação.

Texto enviado em maio de 2013

Aceito em junho de 2013

